

## **“SE VOCÊ TEM HIV OU OUTRAS IST...”: RELAÇÕES DE SENTIDOS ENTRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E POPULAÇÃO LGBT+ EM CARTILHAS SOBRE A COVID-19**

Marcus Menezes<sup>1</sup>

Os gestos analíticos que apresento neste breve texto são recortes da minha pesquisa de mestrado, intitulada até o momento de *Ler cartilhas hoje: sentidos de população LGBT+ no funcionamento de uma pedagogização da saúde em relação à pandemia de COVID-19*. Na dissertação, tenho trabalho com um arquivo (Pêcheux, [1994] 2014; Barbosa Filho, 2022) montado com cartilhas de saúde que tematizam a COVID-19 para diferentes leitores virtuais (Orlandi, 2012 [1988]), ou seja, aqueles para quem os materiais são projetados. Com esse arquivo, analiso, sobretudo, cartilhas temáticas para as pessoas LGBT+, como *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produzida pela Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, e *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produzida pelo extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Em nível de descrição, são materiais que abordam dicas, informações, orientações e estratégias para a prevenção durante a pandemia do Coronavírus, esse entendido aqui como um acontecimento histórico e também como um acontecimento discursivo (Pêcheux, [2007] 2015).

Um trabalho com arquivo pela perspectiva da Análise de Discurso (AD) materialista significa não tomar um documento como mero repositório de informações, mas sim que um documento retoma formulações outras que nele são silenciadas, negadas, parafraseadas etc., como discute Barbosa Filho (2022). Desse modo, em um arquivo, relacionamos diferentes documentos entre si, permitindo triturar o efeito de unidade que um documento produz (Barbosa Filho, 2022). Dito de outra maneira, nenhum documento é singular em si, pois seu funcionamento aponta para seu caráter histórico. Nesse sentido, diferentes cartilhas temáticas podem não ter uma relação direta, mas, ao serem analisadas em conjunto, é possível identificar regularidades. Alguns temas, por exemplo, são regulares nos materiais para a população LGBT+, como saúde mental, uso de drogas, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) etc. Neste texto, trato especificamente da textualização sobre ISTs nas cartilhas sobre a COVID-19.

A formulação acerca das infecções sexualmente transmissíveis constituiu um estranhamento (Ernst-Pereira, 2009) perante o arquivo desta pesquisa, uma vez que, por um lado, há um excesso (Ernst-Pereira, 2009) de alusões à HIV, ISTs e/ou prevenção de ISTs nas cartilhas voltadas para a população LGBT+. Como, por exemplo, 6 das 15 dicas apresentadas na cartilha *Saúde LGBT em tempos de pandemia de*

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Tensões Raciais (UESC/CNPq), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia e orientado pelo Prof. Dr. Rogério Modesto.

COVID-19 fazem referência à temática. Por outro lado, o estranhamento é também produzido pela não ocorrência excessiva sobre ISTs em cartilhas voltadas para outros leitores. Na cartilha *Mulheres na COVID-19* (2020), da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (2020), a prevenção de HIV e outras ISTs é textualizada apenas uma vez, quando o texto trata da violência sexual sofrida pelas mulheres. Não há, por exemplo, dicas de como ter relação sexual na pandemia ou orientação para evitar a prática. Além disso, vale perguntar por que cartilhas, como as do Ministério da Saúde (2020) e da Fiocruz (2020), voltadas para a população geral não mencionam as ISTs?

Diante disso, seleciono para análise Sequências Discursivas (SDs), ou seja, aquilo que, com base em Pêcheux ([2011] 2015), Courtine (2009) e Barbosa Filho (2019), permite-me compreender o que é dito em relação ao que é dito de outro modo e/ou em outro lugar, servindo de vestígio para compreender o funcionamento discursivo e a relação entre língua, história e ideologia:

**SD 1 – Se você faz algum tratamento contínuo seja para HIV, questões de saúde mental, hipertensão, asma ou diabetes é hora de redobrar os cuidados. “Carão” não protege contra o vírus. Se você abandonou o tratamento para HIV é a hora certa de voltar!** (Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, 2020, p. 5, grifos meus)

**SD 2 – Se você tem HIV ou outras IST... precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação.** Continue seu tratamento de acordo com a recomendação médica e evite sair nesse período. Se apresentar sintomas, procure atendimento na unidade de saúde mais próxima (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020, s. p.).

A SD 1, da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, orienta sobre os cuidados na pandemia para pessoas que fazem determinados tratamentos contínuos, como para HIV, questões de saúde mental, hipertensão e diabetes. De fato, conforme o Ministério da Saúde (*Online*), as pessoas que possuem doenças crônicas têm maior risco aos impactos negativos da pandemia. Entretanto, chama atenção que mesmo citando mais de uma doença, o texto finaliza o parágrafo com *Se você abandonou o tratamento para HIV é a hora certa de voltar!*, textualizando apenas HIV e não as outras doenças citadas. Do mesmo modo, a SD 2, do extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos orienta que *Se você tem HIV ou outras IST... precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação*. Esse processo de significação aponta um equívoco na SD 1, no trecho *“Carão” não protege contra o vírus*, dado que é possível questionar: qual vírus? O vírus da HIV? O Coronavírus? Para compreender melhor os processos discursivos diante das SDs 1 e 2, produzo algumas paráfrases:

**SD 1 – Se você abandonou o tratamento para \_\_\_\_\_ é a hora certa de voltar!**

**SD 1.1 – Se você abandonou o tratamento para **asma** é a hora certa de voltar!**

**SD 1.2 – Se você abandonou o tratamento para **diabetes** é a hora certa de voltar!**

**SD 1.3 – Se você abandonou o tratamento para **hipertensão** é a hora certa de voltar!**

**SD 1.4 – Se você abandonou o tratamento para **HIV** é a hora certa de voltar!**

**SD 2** – Se você tem \_\_\_\_\_, precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação.

**SD 2.1** – Se você tem **asma**, precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação.

**SD 2.2** – Se você tem **diabetes**, precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação.

**SD 2.3** – Se você tem **HIV**, precisa se proteger ainda mais, pois pessoas com doenças crônicas são mais vulneráveis em caso de contaminação.

A produção de paráfrases é significativa para o trabalho analítico do discurso considerando, com base em Orlandi ([1999] 2015), que todo discurso é produzido na tensão entre o mesmo e o diferente, entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. É levando em conta tais noções que, ao realizar as paráfrases acima, posso compreender como o que se mantém e o que é diferente produzem sentidos. Da ordem do mesmo, temos os encaixes feitos (*asma*, *diabetes*, *hipertensão* e *HIV*), pois são doenças crônicas. Contudo, quando desliza de um para outro, por exemplo, de *hipertensão* para *HIV* ou *diabetes* para *HIV*, há outros sentidos mobilizados e, conseqüentemente, outras memórias em atravessamento. Se projetarmos de forma imaginária uma cartilha para a população idosa, é esperado, por exemplo, a abordagem em relação à hipertensão, como em SD 1.3, dada a uma memória de que esse grupo é afetado por tal morbidade.

Os destaques às ISTs parecem ser atravessados pela memória do início da AIDS no mundo, tendo em vista, conforme Jeffrey Weeks (2000, p. 58), que “o fato de que as primeiras pessoas no mundo ocidental identificadas como portadoras de AIDS fossem homens gays marcou profundamente as respostas à crise da saúde, levando a uma estigmatização geral das pessoas com a síndrome”. Em consonância, Caetano, Nascimento e Rodrigues (2018, p. 282) afirmam que “a desinformação aliada à publicidade dos primeiros diagnósticos do HIV/Aids foi direcionada, de imediato, ao público homossexual masculino”. Assim, nas condições de produção da década de 1980 e grande parte dos anos 90, ser gay significava ter HIV/AIDS e ter HIV/AIDS significava ser gay. Nesse sentido, a pandemia da AIDS, enquanto acontecimento histórico, constituiu um acontecimento discursivo em que a relação entre corpo e prática sexual assume uma forma de controle da saúde e da vida (Radde, 2023).

O HIV/AIDS era tratado como *câncer gay* e *peste gay*. Segundo Trevisan, a homossexualidade seria uma prática que rompia um equilíbrio natural, em que a natureza estaria se vingando produzindo um vírus que causa a AIDS. Dessa forma, a infecção era culpa do infectado. Ainda de acordo com o autor, “é espantoso que não tenha ocorrido nenhum surto de pragas sexuais em vários povos antigos” (Trevisan, 2018, p. 18), como tribos indígenas brasileiras que mantinham relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero. Tratar a infecção em questão como um castigo não espanta, uma vez que, “no decorrer da história, o imaginário coletivo sempre encarou as doenças de massa como castigos impostos” (Trevisan, 2018, p. 377). E esse cenário violento foi sustentado pelos representantes religiosos e políticos.

Entretanto, Caetano, Nascimento e Rodrigues (2018, p. 294) discutem como o vírus do HIV nunca excluiu e nem foi seletivo, mesmo os primeiros casos divulgados sendo aqueles atribuídos aos homossexuais. O que foi excludente e seletivo foi a significação do HIV, já que os sentidos foram atribuídos a tais pessoas e não a outras, “apesar das alarmantes estatísticas confirmando a disseminação da aids nos mais diversos grupos sociais” (Trevisan, 2018, p. 34). Além disso, mesmo com a melhoria dos casos no Brasil com os tratamentos avançados e pesquisas desmentindo a relação entre a homossexualidade e a AIDS, os homossexuais ainda são significados dessa maneira. Ampliando as discussões dos autores, diria que não apenas a população gay, mas toda a população LGBTQ+ tem relações de sentidos com o HIV/AIDS. A pesquisa de Lidia Noronha Pereira e Telma Domingues Da Silva (2015, 329) aponta, por exemplo, que o Estado significa as pessoas travestis “como parte de um grupo de cidadãos ‘portadores’ de doenças infectocontagiosas e que necessitam ser identificadas (como estratégia de contenção de uma disseminação das doenças)”.

Analisemos outra SD:

**SD 3 – Evite contato sexual com outras pessoas. Se você tem uma parceria sexual que mora com você, os cuidados com a prevenção de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) devem ser mantidos.** Se jogue na camisinha, no lubrificante, na PrEP, na PEP (Profilaxia Pós-Exposição) que é “close certo”! “Fanchas”, além desses cuidados, não esqueçam das unhas cortadas e lixadas! (Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, 2020, p. 6, grifos meus).

Na SD acima, a cartilha da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador informa que os cuidados para a prevenção de HIV e outras ISTs devem ser mantidos durante o período pandêmico. Isso também é informado na cartilha *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga*: “ATENÇÃO: As medidas de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) devem ser mantidas. Use preservativo sempre!” (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020, n.p). A SD 3 ainda orienta que deve ser evitado o contato sexual com outras pessoas, além de citar formas de prevenção: camisinha, lubrificante, PrEP, PEP e, para as lésbicas, unhas cortadas e lixadas. A partir dessa SD, destaco os enunciados *Evite contato sexual com outras pessoas* e *Se você tem uma parceria sexual que mora com você*. Compreendo que a primeira tecitura difere, por exemplo, de uma orientação como a paráfrase *Não tenha contato sexual com outras pessoas*. Em outras palavras, o verbo evitar produz o efeito de sentido de que o contato sexual pode ocorrer, entretanto há medidas a serem tomadas, enquanto a paráfrase com o advérbio *não* indica a proibição completa da relação sexual.

Além disso, é possível pensar que há uma elipse que pode ser preenchida, como uma explicação (*Evite contato sexual com outras pessoas [porque você fica exposto ao Coronavírus]*) ou com uma relativa (*Evite contato sexual com outras pessoas [que não moram com você]*). Entendo que essas paráfrases são produtivas, pois, por um lado, a primeira aponta como uma cartilha sobre a pandemia de COVID-19 apaga uma explicação para evidenciar a questão do sexo entre as pessoas LGBTQ+, enquanto, por outro lado, a

segunda paráfrase parece ter relação com a orientação da SD 3: *Se você tem uma parceria sexual que mora com você, os cuidados com a prevenção de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) devem ser mantidos.*

Dessa forma, tensionando a segunda paráfrase como a expressão *uma parceria sexual que mora com você*, a cartilha parece orientar que a relação sexual com outras pessoas (que não moram com os leitores) devem ser evitados, enquanto o sexo com uma pessoa que mora com o leitor pode ocorrer, se mantidas as formas de prevenção de ISTs. E isso é reforçado pelo efeito de unidade do arquivo montado, pois, na cartilha *Saúde da população LGBT no contexto da pandemia de COVID-19 (2020)*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, é textualizado: “Lembre-se: Nesse período, envolver-se e relacionar-se com pessoas desconhecidas ou que não estão passando a quarentena juntas, apresenta riscos de contaminação por COVID-19” (Gomes *et al.*, 2020, p. 23).

Este gesto de análise indica como as pessoas LGBT+ são significadas, além da relação com as ISTs, pelos sentidos de sexo. Considerando mais uma vez o verbo *evitar* e, novamente, a segunda paráfrase acima, parece haver um pré-construído (Pêcheux, [1988] 2014) de que a população LGBT+ tem relações sexuais com pessoas com quem não moram. Tais sentidos são reforçados pela orientação iniciada por *Se você tem uma parceria sexual que mora com você*, formulação que, para compreender, produziu as seguintes paráfrases: 1) *Se você tem um(a) namorado(a) que mora com você* e 2) *Se você é casado(a)*. Ambas paráfrases produzem efeitos de sentidos sobre relações entre pessoas, assim como o destaque, entretanto, essa indica sentidos de sexo diante da palavra *sexual*. Em outras palavras, as relações interpessoais das pessoas LGBT+ não são significadas em direção às relações de afetividade (como as palavras *namorado(a)* e *casado(a)* podem significar), mas sim há uma evidência dada para a questão do sexo em tais relações.

Por fim, no funcionamento dessas cartilhas temáticas, comparece de modo regular enunciados com advérbios condicionais iniciados com *Se você...* ou *Caso você...*, como nas SDs analisadas anteriormente. Esse modo de formular produz um efeito de sentido que podemos entender que não torna os sentidos totalizantes, pois, pelo efeito de condição das conjunções *Se* e *Caso*, a orientação parece ser direcionada apenas algumas pessoas dentro do conjunto dessa população e não todas. Assim, dizer *Se você tem HIV ou outras IST...* pode indicar que alguns leitores LGBT+ não têm HIV ou outras ISTs, mas outras podem ter. É um *como alguns de vocês, leitores, devem/podem ter HIV ou outras ISTs, estou orientando isso*. Esse funcionamento é interessante, pois, na minha leitura, ele apenas mascara e dissimula a produção desses sentidos em relação aos leitores. A regularidade do arquivo nos diz que não se trata de um *Se você...*, e sim de um excesso de significação desses leitores aos sentidos de HIV/AIDS.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **O discurso antiafricano na Bahia no século XIX**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022007, 2022. DOI: 10.20396/cel.v64i00.8664658. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664658>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio. RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, James N. *et al.* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 279-296.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEAD, 4., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

FIOCRUZ. **COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://www.icc.fiocruz.br/extensaodivulgacaocientifica/cartilha-covid-2/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GOMES, G. A *et al.* **Saúde da população LGBT no contexto da pandemia de COVID-19**. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus?** Se liga. 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona\\_banner\\_LGBT.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona_banner_LGBT.pdf). Acesso em: 22 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Tem dúvidas sobre o coronavírus?** O Ministério da Saúde te responde! 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/agricultura/pt-br/canais\\_atendimento/ouvidoria/documentos/cartilha-coronavirus-informacoes.pdf](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/canais_atendimento/ouvidoria/documentos/cartilha-coronavirus-informacoes.pdf). Acesso em: 22 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde mental e a pandemia de Covid-19**. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ORLANDI, Eni. [1988] **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. [1999] **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. [1988] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. [1994] Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 57-68.

PÊCHEUX, Michel. [2007] Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. [2011] **Análise de Discurso**: textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PEREIRA, L. N., SILVA, T. D. Sentidos (tra)vestidos: a individuação e a constituição do sujeito travesti pelo Estado. **RUA** [online], v. 2, n. 21, p. 321-339, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8642474/0>. Acesso em: 10 jan. 2024.

RADDE, Augusto. Corpo e metáforas no discurso sobre o HIV/AIDS. In: FERREIRA, Maria C. L.; VINHAS, Luciano (org.). **O corpo na análise do discurso**: conceito em movimento. Campinas: Pontes Editoras, 2023. p. 165-182.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR. **Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19**. 2020. Disponível em: [www.saude.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/26.06.2020-Cartilha-de-Saude-LGBT-em-tempos-de-Pandemia-1.pdf](http://www.saude.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/26.06.2020-Cartilha-de-Saude-LGBT-em-tempos-de-Pandemia-1.pdf). Acesso em: 22 jan. 2024.



SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Mulheres na COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/cartilha-orienta-mulheres-durante-a-pandemia-do-coronavirus/MulheresCOVID19.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Ausência, 2000. p. 35-82.